

Manoel Berlinck, sem dúvida, é um dos profissionais mais representativos desta área do conhecimento. Seu livro é a comprovação de sua trajetória clínica, acadêmica e institucional. Um autor, sem dúvida, com todos os requisitos, inclusive erudição, para "delinear", conforme suas próprias palavras, "a posição da Psicopatologia Fundamental" (p. 11-12).

Já na "Introdução", procura distingui-la da Psicopatologia Geral, criada por Karl Jaspers, dentro da perspectiva fenomenológica no início do século XX, que pretende construir uma narrativa objetiva e de cunho eminentemente descritivo das doenças mentais, enquanto a Psicopatologia Fundamental procura resgatar a dimensão subjetiva e singular do sofrimento humano.

Divide o livro em três partes ou capítulos, "Metapsicologia", "Técnica" e "História", Grande parte do conteúdo refere-se à sua própria produção intelectual apresentada em congressos, alguns artigos já publicados em revistas, o que a torna mais fácil e acessível para o estudante ou profissional versado na área, a leitura, estudo, consulta, reflexão e diálogo com sua obra.

Um olhar singular para a psicopatologia

Resenha de Manoel Tosta Berlinck,
Psicopatologia fundamental, São Paulo,
Escuta, 2000, 407 p.

Inicia "Metapsicologia", apresentando um texto com o sugestivo e coerente título (frente a seus propósitos): "O que é Psicopatologia Fundamental". Informa, didaticamente, que a Psicopatologia Fundamental tem como figura de proa um de seus pioneiros, o professor Pierre Fédida. Inspirado no Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse de l'Université Paris 7 – Denis Diderot, onde o professor Fédida e seus colaboradores vinham desenvolvendo, há mais de 30 anos, um trabalho universitário em Psicopatologia Fundamental, participou ativamente na criação, em 1995, do Laboratório de Psicopatologia Fundamental no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC- SP.

Em 1997, foi criada a Rede Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, que reúne segundo nos informa, treze universidades brasileiras e duas universidades francesas, que tem como objetivo a constituição de grupos de ensino e pesquisa que sustentam uma posição, sendo a necessidade de especificá-la a principal

motivação deste primeiro texto e, sem dúvida, deste livro.

A posição da Psicopatologia Fundamental apresentada é uma posição clínica, onde o profissional se inclina diante de alguém que porta uma voz única a respeito de seu *pathos*. Quanto a este *pathos*, objeto da Psicopatologia Fundamental, enunciado por um sujeito social e histórico particular, é o do sofrimento, da paixão e da passividade que acontece na ordem do excesso, sempre provocado pela presença ou imagem do Outro, o que implica em improviso, imprecisão e dependência. Assim este *pathos* só existe em função da mobilidade e da imperfeição ontológica, um dado da existência humana.

E a posição é *clínica*, pois o profissional que escuta esta voz única, ajuda o sujeito deste *pathos* a transformá-lo em experiência, ou seja, a não só considerá-lo como algo transitório, mas também como algo que alarga ou enriquece o pensa-

mento e amplia o seu conhecimento, tornando a experiência terapêutica.

Frente a esta posição da Psicopatologia Fundamental, que se dispõe à escuta de um sujeito único, teremos sempre um objeto de transferência. Ao levar-se em conta o inconsciente freudiano como manifestação do *pathos* e como algo que surge da violência primordial, o que se produz, segundo o Autor, é *metapsicologia*.

Dentro desta perspectiva, ele aborda diversas formas de sofrimento humano, que podem se apresentar como angústia, dor, medo. Traz contribuições sobre a histeria, o autismo, questões atuais sobre a clínica das depressões, esta, escrita em co-autoria com Pierre Fédida. Em "A envelhecimento", indica seu modo de pensar a respeito do processo de envelhecimento como um desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo, âmbito da temporalidade. Aborda alguns aspectos metapsicológicos das patologias contemporâneas. Aqui, vale destacar o oportuno alerta que o autor faz sobre a perda da distinção entre a depressão e a melancolia, nos sistemas de categorização diagnósticos mais utilizados, o CID-10 e DSM-IV. Estes não são "manuais de psiquiatria" (p. 229), segundo sua forma de se referir às publicações, são apenas

sistemas de categorização para diagnóstico em psiquiatria. O CID-10 é uma obra publicada pela Organização Mundial de Saúde que contém um Sistema de Classificação de Transtornos Mentais do Código Internacional de Doenças, apresenta para tanto, exclusivamente, descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. O DSM-IV tem a mesma especificidade; o que diferencia do anterior é o fato de ser construído e adotado pela Associação Americana de Psiquiatria.

Manoel Berlinck demonstra, de forma feliz, que existem diferenças que a clínica revela, ou seja, a depressão como manifestação afetiva primitiva, que afeta o ser humano a cada vez que ocorre a perda de um objeto. Por sua vez, a melancolia expressa um conflito intrapsíquico, que opera um recalque do narcisismo próprio do ego, identificado com o ego ideal e vulnerável à ação de um superego severo e punitivo. Estes dois estados, conforme afirma o autor, designam campos semânticos psicopatológicos diferentes. Vale ainda destacar, neste capítulo denominado "Metapsicologia", o texto "A noção do sujeito na psicanálise: um projeto de pesquisa", sobre este objeto de investigação do autor desde 1984, provocado, segundo ele, por Lacan e pela proeminência deste tema em sua produção de conhecimento. Traz uma breve peregrina-

ção sobre a noção de sujeito em Lacan, tomando como referência Heráclito, Freud, Descartes, Hegel, Husserl, e levanta questões que teriam sido ignoradas pelo psicanalista francês e que fazem parte de seu projeto de pesquisa. Questões tais como: Que relações possivelmente existem na psicanálise freudiana entre a noção de sujeito e a noção de ego? Que possíveis relações existem na psicanálise freudiana entre a noção de sujeito e a de indivíduo? Além disso, propõe-se a investigar detalhadamente a questão da técnica na psicanálise, dada a natureza construtiva da noção de sujeito em Freud; além disso, este texto contém uma rica bibliografia recomendada, utilizada pelo autor nesta trajetória, e que constitui excelente indicação para os interessados no tema.

No Capítulo sobre "Técnica", faz considerações sobre a "Função e campo da transferência em psicanálise", em um diálogo profícuo com textos de Freud e Ferenczi. Destacamos que toma principalmente a transferência como parte inerente da pulsão, uma vez que ela permite o deslocamento da libido para objetos outros que respondem criativamente ao conflito; este tema é praticamente continuado e aprofundado

nos textos seguintes, "Reflexões sobre a regra fundamental" e "Ferenczi e a técnica psicanalítica".

Em "Violência e erotismo", o autor indaga por que violência e erotismo andam juntos.

Um capítulo que se propõe a discutir técnica, fecha-se interessantemente com um texto – em forma de carta – sobre o que é ser um psicanalista freudiano. Finalmente em "Considerações sobre a elaboração de um projeto de pesquisa em Psicopatologia Fundamental", discute a utilização de uma metodologia de pesquisa que tem como base a psicanálise, o que em determinados meios acadêmicos até bem pouco tempo atrás sofria restrições importantes e frequentemente era recusada. Esta conquista deve ser preservada e constantemente lapidada em função de sua especificidade. O autor oferece regras claras, sucintas e objetivas para a elaboração de um projeto de pesquisa dentro deste referencial teórico.

O último capítulo recebe o título "História". Apresenta, até onde é possível, dentro dos limites da extensão do texto, as origens da psicanálise e alguns de seus desenvolvimentos. Em seguida, a história da psicanálise em São Paulo, seu peculiar desenvolvimento e a influência da Escola Inglesa de Psicanálise (Freud, Melanie Klein, Bion,

entre outros); a difusão da psicanálise para fora da capital do Estado, os acontecimentos decorrentes da afluência de psicanalistas argentinos para São Paulo, a introdução da vertente lacaniana. As cisões do movimento psicanalítico também mereceram a atenção do autor no texto "O psicanalista fora da IPA", sem esquecer de mencionar a questão ética em psicanálise, que não se reduz a outras éticas, como a aristotélica e kantiana, como ele nos lembra. Ousaríamos afirmar que um dos textos finais desta obra é *sintomático*, no sentido de revelador, significativo, pois nos fala sobre biografia e, reproduzindo uma frase do autor, "o sentido estritamente clínico da metapsicologia psicanalítica se opõe, é verdade, a uma dimensão política que está presente em praticamente todos os escritos de Freud, mas que se manifesta de maneira cabal, na sua correspondência" (p. 373). Em nossa opinião, o autor, ao apresentar e sustentar a *posição* da Fenomenologia Fundamental, adota uma postura política, no *seu* sentido mais puro, genuíno.

Avelino Luiz Rodrigues é psiquiatra, doutor em Psicologia (PUC-SP), e professor convidado da USP.